

## Desenvolvimento de um Questionário de Experiências de (In) Validação Emocional na Família

Alexandra Dinis<sup>1</sup> & José Pinto Gouveia<sup>2</sup>

Vários estudos comprovam a existência de uma relação entre as experiências precoces adversas, os estilos parentais e a vinculação na infância com o desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta. O presente estudo explora as propriedades psicométricas do *Questionário de Experiências de (In) Validação Emocional*, que foi por nós desenvolvido, com o objectivo de avaliar retrospectivamente, o ambiente de validação (e de invalidação) emocional na família. A Análise Factorial Exploratória revelou uma estrutura de dois factores, que foi posteriormente confirmada através de uma Análise Factorial Confirmatória. Os dois factores foram designados por *experiências de validação emocional* e por *experiências de invalidação emocional*. Todas as subescalas apresentam valores de consistência interna muito elevados. A validade convergente e divergente do questionário foi comprovada pelas correlações encontradas com outras medidas retrospectivas (que avaliam os estilos parentais, o ambiente de expressividade familiar e as experiências de vida adversas), e com uma medida que avalia a psicopatologia na idade adulta.

**PALAVRAS-CHAVE:** socialização das emoções, estilos parentais, experiências precoces adversas, expressividade familiar, ambiente de validação e de invalidação emocional, medidas retrospectivas

### 1. Introdução

#### *O processo de socialização das emoções*

A socialização parental das emoções é um processo complexo e multifacetado, através do qual, as crianças aprendem a experienciar, a expressar, a compreender e a regular as suas emoções (Eisenberg, Cumberland, & Spinrad, 1998; Eisenberg

---

1 *Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental*, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Doutoramento da primeira autora, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/36211/2007) - alexandra.m.b.dinis@gmail.com

2 *Coordenador do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental*, Professor Catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal

et al., 2001). Embora as diferenças individuais temperamentais que envolvem as emoções, incluindo as habilidades de regulação emocional, derivarem em parte da hereditariedade e de factores constitucionais (e.g., Rende, 2000), a experiência contribui igualmente para explicar essas diferenças (e.g., Rothbart & Bates, 1998). De facto, alguns investigadores, consideram que as competências de regulação emocional podem ser promovidas, e talvez mesmo parcialmente aprendidas, através dos pais (Gottman, Katz, & Hooven, 1997).

### ***Reacções dos pais às emoções negativas da criança***

Gottman, Katz, e Hooven (1996) desenvolveram uma teoria assente no constructo de *filosofia meta – emocional*, que se refere ao conjunto organizado de sentimentos, pensamentos e atitudes que os pais têm acerca das suas próprias emoções e das emoções expressas pelos filhos. A *filosofia meta – emocional parental*, que representa o estilo parental de socialização das emoções que os pais adoptam (ou seja, o modo como ensinam os filhos a reconhecer, a expressar e a lidar com as suas emoções); é constituída por dois domínios: a *consciência parental* da emoção (que engloba a habilidade para verbalmente diferenciar as emoções e notar *nuances* na sua intensidade) e os *comportamentos de treino emocional* (que consistem em instruções directas por parte dos pais relativamente à expressão e experiência emocional da criança) (Gottman, 1997). Em conjunto, os dois domínios reflectem o grau de envolvimento dos pais quando a criança está activamente a experienciar as suas emoções (Gottman et al., 1996; 1997). Segundo esta teoria existem quatro estilos parentais de socialização das emoções<sup>3</sup>. Os pais que apresentam um estilo *indiferente* desvalorizam, trivializam, minimizam e ignoraram as emoções negativas da criança, porque acreditam que essas emoções são desnecessárias e prejudiciais. Estes pais focam-se no que é necessário fazer, para que essas emoções desapareçam rapidamente, recorrendo frequentemente a estratégias distractoras, de desvalorização ou de negação das emoções (Gottman, 1997). Os pais que adoptam o estilo *desaprovador* criticam, julgam, reprovam, disciplinam e punem activa e abertamente as emoções negativas da criança e a sua expressão. Estes pais acreditam que as emoções negativas são inaceitáveis, irrazoáveis, perturbadoras e passíveis de serem controláveis. Frequentemente interpretam a expressão destas emoções como uma tentativa dos filhos para chamar a atenção, de os manipular ou provocar, que não merece a sua empatia e compreensão (*ibidem*). Segundo Gottman e colaboradores (Gottman et al., 1996, 1997) as crianças que tiveram pais *indiferentes* ou *desaprovadores* aprendem que

---

<sup>3</sup> Para avaliar a filosofia *meta-emocional parental*, Gottman (1997) desenvolveu um questionário de auto-resposta (o *Emotion-Related Parenting Styles Self-Test*), para os pais responderem em relação ao modo como lidam com as suas próprias emoções, e com as emoções experienciadas e expressas pelos filhos.

as suas emoções são inapropriadas, ilegítimas e de que algo de errado se passa com eles devido ao modo como se sentem. Consequentemente, estas crianças recorrem ao uso da supressão como estratégia preferencial de regulação emocional (Gottman et al., 1996) o que as condena a experienciarem níveis elevados de emoções negativas (Gottman et al., 1997). Já os pais *permissivos* adoptam atitudes de total empatia, aceitação e de não-interferência relativamente à expressão das emoções dos filhos. Estes pais sentem que não têm as competências necessárias para orientar e auxiliar a criança na compreensão, regulação e expressão apropriada das suas emoções, e de que por isso, não poderão fazer mais do que confortá-la e amá-la incondicionalmente (Gottman, 1997). Por fim, os pais *treinadores de emoções* encaram os estados emocionais negativos como uma oportunidade para criar uma ligação de proximidade e de intimidade com os seus filhos. Estes pais aceitam, toleram, compreendem, respeitam, valorizam e validam as emoções negativas dos filhos, enquanto os ensinam a compreender as causas dos seus estados emocionais, a discriminar e a regular as suas emoções, e a expressá-las de forma socialmente apropriada tendo em conta os diferentes contextos (Katz, Wilson, & Gottman, 1999; Gottman et al., 1997). Consequentemente, os filhos apresentam melhores habilidades de regulação emocional (Shipman & Zeman, 2001) utilizando preferencialmente estratégias de reavaliação cognitiva (Gottman et al., 1996; Katz et al., 1999).

Ainda neste âmbito, Eisenberg e colaboradores (*e.g.*, Eisenberg & Fabes, 1994; Eisenberg, Fabes & Murphy, 1996) propuseram a existência de três estilos de resposta parental face à expressão de emoções negativas dos filhos: o *punitivo* (grau em que os pais reagem punitivamente com o objectivo de diminuir a sua exposição ou a necessidade de terem que lidar com as emoções negativas dos filhos); o *minimizador* (grau em que os pais minimizam a seriedade da situação ou desvalorizam o problema da criança ou a sua reacção perturbadora) e de *perturbação parental* (grau em que os pais ficam perturbados quando os filhos expressam afecto negativo)<sup>4</sup>. As reacções punitivas e de minimização tendem a estar associadas ao uso de estratégias de *coping* evitante por parte das crianças e a uma menor expressividade emocional (Eisenberg et al., 1996). No sentido oposto, apesar de os resultados serem menos consistentes, as reacções suportivas (associadas ao encorajamento e aceitação da expressão das emoções negativas e ao ensino de estratégias de *coping* construtivas) parecem contribuir para o desenvolvimento de uma maior consciência dos diferentes estados emocionais e das competências para comunicar, compreender e regular as emoções (Eisenberg et al., 1998; Eisenberg et al., 2001).

---

<sup>4</sup> Neste âmbito foi desenvolvido a *Coping with Children's Negative Emotions Scale* (Fabes, Eisenberg, & Bernzweig, 1990) que avalia o modo como os pais reagem à expressão de emoções negativas dos filhos.

### *A expressividade familiar*

De acordo com o modelo de socialização das emoções de Parke e Buriel (2006), os pais influenciam a criança não só através de instruções directas, mas também pela própria natureza das interações que com ela estabelecem, incluindo o ambiente de expressividade emocional parental. A expressão das emoções por parte dos pais contribui, através da observação e por modelamento da criança, para o desenvolvimento das suas capacidades emocionais, tais como, reconhecer e compreender as emoções (*e.g.*, Dunsmore & Halberstadt, 1997), de as expressar (*e.g.*, Halberstadt, 1986; Halberstadt, Fox, & Jones, 1993), e de regulação emocional (*e.g.*, Eisenberg et al., 2001; Garner, 1995). A expressividade emocional parental influencia também a sua percepção de suporte social, os padrões de vinculação que estabelece (Bell, 1998) e o seu ajustamento psicológico (*e.g.*, Bronstein, Fitzgerald, Briones, Pieniadz, & D'Ari, 1993). O modo como a criança é socializada, para expressar ou para inibir as suas emoções, é largamente influenciado pela forma como os pais reagem à sua expressão emocional, pelo modo como eles próprios expressam as suas emoções, e pelo modo como eles comunicam as suas próprias crenças acerca da experiência e da expressão emocional (*e.g.*, Denhnam, Zoller, & Couchoud, 1994; Katz et al., 1999). As crianças cujos pais lhes expressam, directa e frequentemente, emoções positivas tendem a ser mais expressivas e emocionalmente mais reguladas (*e.g.*, Lindahl, 1998; Scaramella, Conger, & Simons, 1999). Adicionalmente, uma expressividade parental positiva contribui para o desenvolvimento de crenças positivas acerca das emoções, nomeadamente em relação à intensidade, tipo e forma de expressão, facilitando o estabelecimento de interações sociais eficazes (Eisenberg et al., 1998). Já a expressão marcada de emoções negativas, dirigidas directamente à criança ou expressas no ambiente familiar, compromete o desenvolvimento das suas capacidades de regulação emocional (Cummings & Davies, 1996). Alguns autores consideram, contudo, que o reforço ou encorajamento parental para a expressão de emoções negativas poderá ser benéfico para a criança, desde que exista por parte dos pais, uma diferenciação entre a expressão socialmente aceitável ou inaceitável da emoção e o ensino de estratégias de regulação emocional (Eisenberg et al., 1996).

### *Experiências adversas na infância*

De acordo com a teoria da vinculação de Bowlby (1980), perante circunstâncias ameaçadoras ou adversas a criança activa um sistema de vinculação inato, que permite que as suas emoções, pensamentos e comportamentos estejam voltados para a obtenção de proximidade das figuras prestadoras de cuidados. Para que a criança estabeleça uma vinculação segura com os pais é importante que estes estejam disponíveis, e que sejam capazes de lhe

providenciar conforto, afecto, suporte e protecção. A falta de responsividade parental ou de sensibilidade aos seus sinais de perturbação conduz a que criança desenvolva uma visão dos outros como indisponíveis, não confiáveis e prejudiciais (Bowlby, 1988).

Mais recentemente, os estudos acerca da influência da qualidade da relação entre os pais e a criança no desenvolvimento de psicopatologia, enfatizam a natureza patogénica das experiências de negligência, de abuso físico e sexual (*e.g.*, Bifulco, Brown, & Adler, 1991), de ausência de cuidado/ calor emocional e de sobreprotecção/ controlo (*e.g.*, Gerlsma, Emmelkamp, & Arrindell, 1990; Parker, Tupling, & Brown, 1979) e de ameaça e subordinação, vivenciadas no seio da família (Gilbert, Cheung, Grandfield, Campey, & Irons, 2003). De um modo geral, estes estudos sugerem que as crianças que são severamente punidas, criticadas, tratadas com hostilidade, rejeitadas e/ou ignoradas pelos seus pais, passam a acreditar que são más, indesejadas e não merecedoras de amor (Bennett, Sullivan, & Lewis, 2005; Irons, Gilbert, Baldwin, Baccus, & Palmer, 2006). Num estudo, Gilbert, Allan, e Goss (1996) mostraram que os indivíduos, que durante a sua infância tinham sido repetidamente humilhados, criticados e envergonhados, tinham desenvolvido uma visão negativa do Eu como subordinado, inferior e sem valor. Um outro estudo mostrou que experiências precoces de calor, empatia, aceitação e aprovação fomentam a internalização de uma visão positiva do Eu como atractivo, aceite e amado pelos outros (Gilbert, 1992).

#### ***Interesse empírico e teórico no constructo de validação e de invalidação emocional***

Linehan (1993) sugere que um ambiente familiar de invalidação emocional é caracterizado por uma atitude parental de total rejeição, desprezo, crítica, punição e desvalorização das emoções da criança, pelo reforço errático quanto à comunicação das suas experiências privadas, e pelo simplificar, em demasia, quanto à facilidade com que a criança deveria resolver os seus problemas emocionais. Segundo a autora, a socialização das emoções, quando ocorre num ambiente familiar invalidante, torna-se numa forma extrema de abuso psicológico que se vai repercutir: a) numa maior dificuldade em identificar e discriminar estados emocionais, b) na incapacidade para tolerar emoções desagradáveis, c) no desenvolvimento de estratégias de regulação emocional disfuncionais (sobretudo de evitamento) e d) no desenvolvimento de crenças negativas acerca das emoções (como sendo inapropriadas, anormais, incompreensíveis e envergonhadoras). 1. 2. 3. 4. 5. Alguns estudos demonstram que o abuso psicológico frequente (na forma de criticismo, embaraço ou humilhação) tem consequências nefastas ao nível do funcionamento cognitivo e afectivo que poderão perdurar até à adultez (*e.g.*, Gross & Keller, 1992).

Também Leahy (2005), no Modelo de Formação dos Esquemas Emocionais, realçou o papel da invalidação e da validação emocional parental<sup>5</sup>. Segundo este modelo, um ambiente familiar de validação emocional permite a formação de crenças positivas acerca das emoções. Para que isso aconteça é essencial que a criança estabeleça uma vinculação segura com os pais, e que estes adoptem um estilo parental caracterizado pela responsividade, calor e previsibilidade, ou seja, que funcionem como “treinadores” de emoções. Pelo contrário, estilos parentais marcados pela imprevisibilidade, desvalorização, criticismo ou até mesmo punição fomentam a formação de crenças negativas acerca das emoções.

### ***Estabilidade das recordações sobre as práticas educativas parentais***

As práticas educativas parentais estão significativamente associadas a uma variedade de quadros clínicos na idade adulta, entre os quais depressão (Perris, 1994a), esquizofrenia (Helgeland & Tongersen, 1997; Perris, 1994b), fobias (Faravelli, Panichi, Pallanti, Paterniti, Grecu, & Rivelli, 1991), perturbação obsessivo-compulsiva (Hoekstra, Visser, Emmelkamp, 1989), perturbação borderline de personalidade (Helgeland & Tongersen, 1997) e distúrbios alimentares (Castro, 2000). Devido às dificuldades inerentes à realização de estudos longitudinais, estas associações têm sido sobretudo exploradas através das percepções e recordações que os adultos relatam acerca dos seus pais (*e.g.*, Brewin, Firth-Cozens, Furnham, & McManus, 1992; Parker, 1979; Perris, Jacobsson, Lindstrom, & von Knorring, 1980). Contudo, uma das desvantagens apontadas é de que as informações que os adultos relatam, acerca das suas experiências de infância, serem sempre retrospectivas, e como tal, possivelmente sujeitas a enviesamentos da memória. Um possível enviesamento refere-se à possibilidade do estado de humor do respondente poder influenciar as suas recordações (*e.g.*, Halverson, 1988), tal como comprovado por alguns estudos desenvolvidos na área das memórias autobiográficas (*e.g.*, Kuiken, 1991). Contudo, também existem estudos que obtiveram resultados contrários. Gerlsma e colaboradores (Gerlsma et al., 1991; 1993; 1994 *cit in* Richter & Eisemann, 2000) conduziram uma extensa investigação em doentes psiquiátricos e os seus resultados indicam que as memórias acerca dos comportamentos e práticas educativas parentais são altamente estáveis ao longo do tempo e independentes de alterações significativas que possam ocorrer no humor depressivo. Resultados semelhantes foram obtidos por Richter e Eisemann (2000), numa amostra de doentes psiquiátricos internados (na sua quase totalidade com depressões unipolares). Por este motivo, alguns investigadores são da opinião de que o uso de instrumentos retrospectivos

---

<sup>5</sup> Segundo o autor os esquemas emocionais reflectem os modos pelos quais as emoções são experienciadas (*processamento emocional*) e os planos que o indivíduo executa (*estratégias de resposta emocional*) assim que experiencia uma emoção desagradável.

não limita a validade das conclusões obtidas, dado que é mais importante para a compreensão dos quadros psicopatológicos, a percepção subjectiva do doente do que a avaliação objectiva do que realmente lhe aconteceu (Castro, 2000; Parker, 1984; Perris et al., 1986).

### ***Desenvolvimento de um questionário para avaliar a recordação de Experiências de (In) validação Emocional na Família***

Dado que, do nosso conhecimento, não existe na literatura um instrumento que permita avaliar simultaneamente, e retrospectivamente, a qualidade da relação entre a criança e os prestadores de cuidados, a expressividade emocional parental e os estilos parentais de socialização das emoções \_ que acreditamos se agruparem nos constructos integradores de validação e de invalidação emocional\_ o Questionário de Experiências de (In) validação Emocional na Família (QEVE) surge como uma primeira tentativa de abarcar as ideias centrais concernentes a estes dois constructos. Assim, o presente estudo teve como objectivo estudar as características psicométricas de um instrumento de auto-resposta que foi desenvolvido com o intuito de avaliar (retrospectivamente) a vivência de experiências de validação e de invalidação emocional vivenciadas na relação com os pais (ou seus substitutos) durante os primeiros 18 anos de vida.

Para a construção do questionário foi seguida uma estratégia dedutiva. Ou seja, começou-se por analisar a bibliografia existente, tentando convergir e simplificar em linhas gerais, a informação que se considerou estar associada a estes dois constructos. Posteriormente os itens foram concebidos de modo a unificar a definição, adoptando-se como linha orientadora para o desenvolvimento dos itens: a) os resultados dos estudos relativos aos três domínios do processo de socialização das emoções descritos na introdução, b) a conceptualização descrita por Linehan (1993) acerca do constructo de invalidação emocional, c) o Modelo de Formação dos Esquemas Emocionais proposto por Leahy (2005), e sobretudo, d) a descrição de Gottman e colaboradores (1996, 1997) quanto aos quatro estilos / filosofias *meta-emocionais* parentais.

A versão inicial do questionário, composta por 60 itens (replicados para a figura materna e paterna num total de 120 itens) foi inicialmente preenchida por 40 pessoas da população geral, às quais foi solicitado que indicassem quais os itens que consideravam que mais se aproximavam do estilo parental dos seus pais (ou seus substitutos) e da forma como estes reagem à expressão das suas emoções. Foi ainda solicitado, que sempre que achassem pertinente fizessem sugestões com vista à melhoria da descrição dos itens ou das instruções referentes ao preenchimento do questionário. O processo de selecção dos itens a reter na escala baseou-se nas informações dadas por estes respondentes, nas análises

psicométricas preliminares conduzidas, e na identificação dos itens que seriam possivelmente mais homogêneos quanto ao domínio de ambos os constructos. Após este processo de selecção (que conduziu à remoção de 30 itens, 15 em cada uma das subescalas), o questionário passou a ser constituído por um total de 90 itens, 45 pertencentes à subescala figura materna e 45 itens pertencentes à subescala figura paterna<sup>6</sup>.

Para o preenchimento do questionário, é solicitado ao respondente que assinala o seu grau de acordo em relação a cada afirmação utilizando a seguinte escala: 1 (*Nunca verdadeiro*), 2 (*Quase nunca verdadeiro*), 3 (*Às vezes verdadeiro*), 4 (*Frequentemente verdadeiro*) e 5 (*Sempre verdadeiro*).

## 1.º Estudo: Análise Factorial Exploratória

### 2. Metodologia

#### 2.1. Participantes

Neste estudo foi utilizada uma amostra de 500 indivíduos da população geral. A amostra ficou constituída por 392 participantes do sexo feminino, com uma média de idades de 39.51 ( $DP=8.59$ ), e 108 participantes do sexo masculino, com uma média de idades de 38.68 ( $DP=11.85$ ). Em relação às habilitações literárias, os respondentes apresentaram uma média de 13.58 anos de escolaridade ( $DP=4.06$ ). No que concerne ao estado civil, 69.0% ( $n=345$ ) dos participantes era casado ou vivia em união de facto. Em relação à situação profissional, 65.6% tinham profissões de classe média. Na Tabela 1 apresentam-se as características demográficas da amostra em estudo.

Tabela 1 Características demográficas da amostra em estudo ( $n=500$ ).

	Total ( $n=500$ )		Género feminino ( $n=392$ )		Género masculino ( $n=108$ )	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	39.33	9.39	39.51	8.59	38.68	11.85
Anos de escolaridade	13.58	4.06	13.66	4.08	13.30	4.01
	Total		Género feminino		Género masculino	

6 O questionário final é apresentado em ANEXO.

	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%
<b>Estado Civil</b>						
Solteiro	107	21.4	68	17.3	39	36.1
Casado/ União de facto	345	69.0	281	71.7	64	59.3
Divorciado/ Separado	38	7.6	34	8.7	4	3.7
Viúvo	10	2.0	9	2.3	1	0.9
<b>Situação Profissional</b>						
Profissão de classe baixa	131	26.2	99	25.3	32	29.6
Profissão de classe média	328	65.6	258	65.8	70	64.8
Profissão de classe alta	41	8.2	35	8.9	6	5.6

## 2.2. Instrumentos

Cada participante preencheu uma bateria de questionários de auto-relato que incluiu: Folha de dados demográficos (i.e. sexo, idade, anos de escolaridade, estado civil e situação profissional) e o Questionário de Experiências de (In) Validação Emocional (QEVE: Dinis, & Pinto Gouveia, 2007) composto por 90 itens (45 para a subescala Pai e 45 para a Subescala Mãe).

## 2.3. Procedimento

A amostra foi recolhida entre membros de instituições, organismos públicos, lojistas e empregados fabris. Todos os participantes, que se voluntariaram a participar, foram informados sobre os objectivos do estudo, tendo-lhes sido garantido que as suas respostas eram confidenciais e só utilizadas para o propósito desta investigação.

## 2.4. Estratégia Analítica

A análise estatística dos dados realizou-se com recurso ao *software* SPSS versão 17.0 (SPSS Inc, Chicago, IL). Dado que a inclusão simultânea dos 90 itens (que resultam da junção dos 45 itens da subescala Pai e dos 45 itens da subescala Mãe) levantaria limitações ao procedimento realizar, pelo facto dos itens do ponto de vista semântico não se diferenciarem, optou-se por realizar, separadamente, duas Análises Factoriais Exploratórias, uma para cada uma das subescalas de resposta (Pai e Mãe). Neste sentido, os 45 itens (variáveis) que compõem cada subescala foram submetidos a uma Análise em Componentes Principais (ACP) de modo a que a análise, à estrutura dimensional subjacente à matriz de correlações, permitisse agrupar em factores latentes os itens que se encontravam mais amplamente intercorrelacionados (Marôco, 2010). A adequação/ factorabilidade da matriz de correlações foi inicialmente analisada através do Teste de Esfericidade de Bartlett, e posteriormente, através da medida

de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), dado este último método ser menos sensível ao tamanho da amostra (Marôco, 2010; Tabachnick & Fidell, 2007). O número de componentes principais a reter foi determinado pela análise conjunta de três critérios: o critério de Kaiser (que determina a retenção dos componentes que apresentam valores próprios superiores a 1.0), o critério do scree plot de Cattell (que determina a retenção dos componentes até ao ponto em que se verifica uma inflexão da curva) e o critério relativo à variância extraída por cada factor (que determina a retenção dos factores que explicam pelo menos 5% da variância total) do instrumento de medida (Marôco, 2010). Após se ter procedido à análise dos critérios e com o intuito de produzir uma solução factorial mais facilmente interpretável conduziram-se novas Análise de Componentes Principais, forçando-se a retenção em dois factores e, prosseguindo-se, com rotação dos eixos factoriais através do método de rotação ortogonal *Varimax*. No sentido de obter fatores mais delimitados, em ambas as análises conduzidas, optou-se pela remoção dos itens que apresentavam cargas factoriais inferiores a .50 de modo a que apenas fossem retidos os itens que contribuíam marcadamente para a explicação dos factores latentes retidos. Por fim a consistência interna de cada factor foi avaliada através do alfa de Cronbach ( $\alpha$ ).

### 2.5. Resultados da Subescala Pai

O teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um p-value  $< .001$  ( $\chi^2(990) = 11632.421$ ) e o valor de KMO foi de .945 o que permitiu classificar como excelente a factorabilidade da matriz de correlações e por conseguinte validar a aplicação da AFE. Relativamente ao número de componentes, o critério de Kaiser revelou a existência de sete componentes principais que conjuntamente explicavam 58.1% do total da variância. Mais especificamente, dois componentes apresentavam um valor de *eigenvalue* superior a 2 (11.49 e 8.03), e a partir do terceiro factor as mudanças nos valores dos *eigenvalues* eram de uma magnitude cada vez menor. Já a análise da *scree plot* indicava que o ponto de inflexão da curva ocorria entre o segundo e terceiro factor, com cada um dos sucessivos componentes a contribuir para uma cada vez menor explicação da variância total. Por fim, a análise da variância extraída por cada factor corroborou os resultados do *scree test*, dado que apenas os dois primeiros componentes explicavam mais de 5% da variância total (25.5 e 17.9). Tendo em consideração a análise efectuada aos critérios e a constatação de que os itens, que apresentavam pesos factoriais superiores a .50, se concentravam em apenas dois componentes (à exceção de um item que saturava no terceiro componente e simultaneamente no primeiro componente) repetiu-se uma nova *Análise em Componentes Principais* forçada a dois factores com rotação ortogonal *Varimax*.

Em seguida, foram removidos os itens que apresentavam cargas factoriais inferiores a .50 repetindo-se o mesmo procedimento descrito. A solução final (Tabela 2) obtida é composta por 39 itens que explicam 47% da variância total [a medida de Kaiser-Meyer-Olkin foi de .948; Teste da Esfericidade de Bartlett foi de  $\chi^2(741)=10604.810$ ,  $p < .001$ ].

### 2.6. Resultados da Subescala Mãe

O teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um p-value  $< .001$  ( $\chi^2(990)=10638.751$ ) e o valor de KMO foi de .936 o que permitiu classificar, à semelhança da subescala Pai, como excelente a factorabilidade da matriz de correlações. Relativamente ao número de componentes a reter, o critério de Kaiser revelou a existência de sete componentes principais que conjuntamente explicavam 55.3% do total da variância, mas somente dois componentes apresentavam um valor de *eigenvalue* superior a 2 (11.57 e 6.71). A análise da *scree plot* indicava, também à semelhança do que se verificou para a subescala Pai, que o ponto de inflexão da curva ocorria entre o segundo e terceiro factor. De igual modo, apenas os dois primeiros componentes explicavam mais de 5% da variância total (25.7 e 14.9), sendo que os itens que apresentavam pesos factoriais superiores a .50 apenas se concentravam em dois componentes (à exceção de um item que saturava no quarto componente e simultaneamente no primeiro componente), o levou a que fosse conduzida uma nova ACP com rotação ortogonal *Varimax* forçada a dois factores.

Em seguida, foram removidos os itens que apresentavam cargas factoriais inferiores a .50 repetindo-se o mesmo procedimento descrito. A solução final (Tabela 2) obtida é composta por 38 itens que explicam 44.6% da variância total, sendo a medida de Kaiser-Meyer-Olkin de .941 e o Teste da Esfericidade de Bartlett de  $\chi^2(703)=9525.286$ ,  $p < .001$ .

**Tabela 2** Distribuição dos pesos factoriais superiores a .50, comunalidade ( $h^2$ ) de cada item, valores próprios, e a % de variância explicada por cada factor na Análise Factorial em Componentes Principais (n=500).

	Subescala Pai			Subescala Mãe		
	$h^2$	1	2	$h^2$	1	2
<b>Experiências de Invalidação emocional</b>						
QEVE_2	.41	.62		.36	.58	
QEVE_6	.37	.61		.38	.61	
QEVE_7	.40	.63		.39	.62	
QEVE_8	.34	.56		.29	.53	
QEVE_11	.49	.69		.51	.69	
QEVE_12	.26	.50				
QEVE_14	.42	.65		.39	.62	

QEVE_17	.34	.56	.34	.56
QEVE_18	.40	.63	.38	.62
QEVE_19	.58	.75	.51	.70
QEVE_20	.42	.62	.37	.60
QEVE_21	.42	.61	.40	.61
QEVE_23	.57	.73	.55	.71
QEVE_25	.48	.68	.38	.60
QEVE_26	.29	.51	.32	.56
QEVE_29	.46	.64	.47	.66
QEVE_32	.44	.66	.35	.59
QEVE_35	.48	.66	.47	.65
QEVE_36	.40	.62	.40	.62
QEVE_37	.57	.75	.51	.71
QEVE_39	.37	.61	.39	.62
QEVE_40	.49	.70	.48	.69
QEVE_42	.28	.52	.26	.51
QEVE_43	.60	.73	.54	.69
<b>Experiências de validação emocional</b>				
QEVE_3	.45	.66	.42	.62
QEVE_4	.58	.74	.52	.68
QEVE_9	.64	.77	.60	.73
QEVE_10	.62	.76	.61	.74
QEVE_13	.40	.62	.35	.59
QEVE_15	.62	.75	.60	.71
QEVE_22	.44	.65	.41	.63
QEVE_24	.37	.59	.35	.58
QEVE_28	.52	.72	.46	.68
QEVE_30	.69	.81	.68	.80
QEVE_31	.63	.78	.57	.73
QEVE_33	.41	.62	.38	.61
QEVE_38	.55	.74	.54	.74
QEVE_41	.55	.74	.50	.69
QEVE_45	.61	.78	.58	.75
Valor próprio	10.90	7.43	10.83	6.13
% Variância explicada	27.96	19.06	28.50	16.14

Na *subescala Pai* os valores de comunalidade variaram para o primeiro factor extraído entre .26 e .60 e no segundo factor extraído entre .37 e .69, assim como as cargas factoriais variaram entre .50 e .75 no primeiro factor e entre .59 e .81 no segundo factor. Na *subescala Mãe* os valores de comunalidade variaram para o primeiro factor extraído entre .26 e .55 e no segundo factor extraído entre .35 e .68, assim como as cargas factoriais variaram entre .51 e .71 no primeiro factor, e entre .58 e .80 no segundo factor. De acordo com a correspondência verificada entre os pesos factoriais dos itens e os factores em que saturaram, designou-se o primeiro factor por “experiências de invalidação emocional” e o segundo factor de

“experiências de validação emocional”. Para a *subescala Pai* obteve-se um  $\alpha = .94$  para o factor “experiências de invalidação emocional” e um  $\alpha = .93$  para o factor “experiências de validação emocional”. Já para a *subescala Mãe* obteve-se um  $\alpha = .93$  para o factor “experiências de invalidação emocional” e um  $\alpha = .92$  para o factor “experiências de validação emocional”.

## 2.º Estudo: Análise Factorial Confirmatória

### 3. Metodologia

#### 3.1. Participantes

Neste estudo foi utilizada uma amostra de 765 indivíduos, que resultou da junção de uma amostra não-clínica ( $n=472$ ) com uma amostra clínica ( $n=293$ ). A amostra total ficou constituída por 501 (65.5%) participantes do sexo feminino e 264 (34.5%) participantes do sexo masculino que apresentavam uma idade média de 31.54 anos ( $DP=10.14$ ). No que respeita as habilitações literárias, os participantes apresentaram uma média de 12.98 anos de escolaridade ( $DP=3.70$ ). Em relação ao estado civil, 55.4% dos participantes é solteiro. Em relação à situação profissional, 37.3% têm profissões de classe média e 16.3% são estudantes do Ensino Superior. Na Tabela 3 apresentam-se as características demográficas da amostra total em estudo e da amostra não-clínica e clínica separadamente.

Tabela 3 Caracterização demográfica da amostra em estudo ( $n=765$ ).

	Amostra total ( $n=765$ )		Amostra não-clínica ( $n=472$ )		Amostra clínica ( $n=293$ )	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	31.54	10.14	33.42	10.56	28.51	8.61
Anos de escolaridade	12.98	3.70	12.17	3.80	14.28	3.15
	Amostra total		Amostra não-clínica		Amostra clínica	
	<i>N</i>	%	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%
Estado Civil						
Solteiro	424	55.4	206	43.6	218	74.4
Casado/ União de facto	307	40.2	243	51.5	64	21.9
Divorciado/ Separado	29	3.8	20	4.2	9	3.1
Viúvo	5	0.7	3	0.6	2	0.7
Situação Profissional						

Profissão de classe baixa	275	35.9	219	46.4	56	19.1
Profissão de classe média	285	37.3	214	45.3	71	24.2
Profissão de classe alta	80	10.5	32	6.8	48	16.4
Estudante	125	16.3	7	1.5	118	40.3
	Amostra total		Amostra não-clínica		Amostra clínica	
	Género Masculino		Género Feminino		Género Masculino	
	Género Feminino		Género Masculino		Género Feminino	
	<i>N</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Género	264	34.5	501	65.5	204	43.2
					268	56.8
					60	20.5
					233	79.5

Do total da amostra clínica, 19 indivíduos (6.5%) preenchem critérios para uma ou mais perturbações do Eixo I, 53 (18.1%) preenchem critérios para uma ou mais perturbações do Eixo II e 221 (75.4%) preenchem simultaneamente critérios para uma ou mais Perturbações do Eixo I e do Eixo II (de acordo com Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – Edição Revista, DSM-IV-TR, APA, 2000), o que demonstra a variabilidade de diagnósticos apresentados pelos sujeitos que compõem a amostra clínica (Tabela 4).

**Tabela 4 Índices de comorbilidade da amostra clínica.**

Comorbilidade	Eixo I ( <i>n</i> =19)	Eixo II ( <i>n</i> =53)	Comorbilidade Eixo I e Eixo II ( <i>n</i> =221)
<b>Eixo I</b>			
<b>Perturbações de Ansiedade</b>	5 (26.3%)	---	135 (61.1%)
Agorafobia sem História de Perturbação de Pânico	0	---	0
Perturbação de Pânico com e sem Agorafobia	4 (21.1%)	---	21 (9.5%)
Fobia Social Generalizada	0	---	86 (38.9%)
Fobia Social Simples	0	---	9 (4.1%)
Perturbação Obsessivo-Compulsiva	0	---	19 (8.6%)
Perturbação de Stress Pós-Traumático	1 (5.3%)	---	0
<b>Perturbações do Humor</b>	6 (31.6%)	---	128 (57.9%)
Perturbação Depressiva Major	6 (31.6%)	---	123 (55.7%)
Distímia	0	---	5 (2.3%)
<b>Perturbações do Comportamento Alimentar</b>	13 (68.4%)	---	53 (24.0%)
Anorexia Nervosa	6 (31.6%)	---	23 (10.4%)
Bulimia Nervosa	5 (26.4%)	---	22 (9.9%)
Perturbação Alimentar sem Outra Especificação	2 (10.6%)	---	8 (3.6%)
<b>Eixo II</b>			
Evitante	---	15 (28.3%)	134 (60.6%)
Dependente	---	2 (3.8%)	19 (8.6%)

Obsessivo-Compulsivo	---	43 (81.2%)	151 (68.4%)
Passivo-Agressivo	---	7 (13.2%)	9 (4.1%)
Depressivo	---	9 (17.0%)	90 (40.7%)
Paranóide	---	5 (9.5%)	18 (8.1%)
Histriónico	---	1 (1.9%)	1 (0.5%)
Narcisista	---	1 (1.9%)	1 (0.5%)
Borderline	---	17 (32.2%)	58 (25.3%)

### 3.2. Procedimento

A amostra não-clínica foi maioritariamente recolhida entre membros de instituições, organismos públicos, lojistas e empregados fabris que se voluntariaram a participar neste estudo. Foi ainda solicitada a colaboração de alguns docentes do Ensino Superior para que divulgassem o presente estudo durante as suas aulas, de modo a que os alunos que quisessem participar, voluntariamente, o pudessem fazer. Todos os participantes foram informados verbalmente, e por escrito, sobre os objectivos do estudo, tendo-lhes sido assegurado o anonimato e garantida a confidencialidade das suas respostas.

A amostra clínica foi recolhida em diversas Unidades de Saúde Mental nacionais, públicas e privadas, tendo sido previamente à recolha da amostra, obtidas as respectivas autorizações das Comissões de Ética para a Saúde. A participação dos doentes foi voluntária, tendo consistido, numa primeira fase, na passagem das versões portuguesas das seguintes entrevistas de diagnóstico: *Anxiety Disorders Interview Schedule - Revised* — ADIS-R (DiNardo e Barlow, 1988), *Structured Clinical Interview for DSM-IV Axis I Disorders - SCID I* (First, Gibbon, Spitzer, e Williams, 1997) e da *Structured Clinical Interview for DSM-IV Axis II Personality Disorders - SCID II* (First, Gibbon, Spitzer, Williams e Benjamin, 1997). Em seguida, foi solicitado o preenchimento de um protocolo de escalas de auto-resposta (sendo para este estudo apenas seleccionada a folha de dados demográficos e o QEVE). Para finalizar, todos os doentes que aceitaram participar assinaram um documento relativo ao consentimento informado, tendo-lhes sido facultada informação acerca dos objectivos do estudo e garantida a confidencialidade das suas respostas.

### 3.3. Estratégia Analítica

A validade da estrutura factorial do QEVE foi avaliada, separadamente para a Subescala Pai e para a Subescala Mãe, através da Análise Factorial Confirmatória (AFC) com recurso ao *software* AMOS (v. 17, SPSS Inc, Chicago, IL). De acordo com os resultados obtidos na Análise Factorial Exploratória e o modelo teórico a partir do qual foi desenvolvido instrumento de medida, o modelo teórico testado para

a Subescala Pai e para a Subescala Mãe<sup>7</sup> consistiu em dois componentes gerais: a variável latente “experiências de invalidação emocional” e a variável latente “experiências de validação emocional” compostas, respectivamente, por 24 e 15 variáveis manifestas/ indicadores de medida. A qualidade de ajustamento do modelo teórico à estrutura correlacional observada entre as variáveis manifestas na amostra em estudo, foi estimada através do Método da Máxima Verosimilhança. A aplicação deste método de estimação impôs que fossem verificados vários pressupostos. Neste sentido, a inexistência de violações severas à distribuição normal foi validada após a verificação de que, para todos os indicadores de medida, os valores absolutos de assimetria eram inferiores a 3 e valores absolutos de curtose univariada e multivariada eram inferiores a 8-10 (Kline, 1998). Apesar da análise à distância quadrada de Mahalanobis ( $DM^2$ ) ter indicado a existência de alguns *outliers* multivariados, optou-se pela sua manutenção dado que a sua remoção conduziria a uma diminuição da variabilidade associada aos componentes em estudo. Para cada um dos modelos testados, a qualidade global de ajustamento foi avaliada através dos seguintes índices empíricos de ajustamento: 1) *normed chi-square* ( $\chi^2/g.l.$ ), 2) *comparative fit index* (CFI), 3) *Tucker-Lewis index* (TLI) e o 4) *root mean square error of approximation* com intervalo de confiança de 90% (RMSEA). Foram considerados os seguintes valores de referência para cada um dos índices de ajustamento selecionados: 1) valores de  $\chi^2/g.l.$  entre 2 e 5 como indicadores de um ajustamento aceitável e valores superiores a 5 como indicadores de um ajustamento medíocre (Wheaton, Muthen, Alwin, & Summers, 1977), 2) valores de CFI e TLI entre .90 e .95 como indicadores de um ajustamento aceitável (Hu & Bentler, 1999) e no caso do 3) RMSEA, Hu e Bentler (1999) consideram que um valor igual ou inferior a .06 é indicador de um bom ajustamento e inferior a .08 como indicador de um ajustamento aceitável.

Dado que os índices de ajustamento do modelo inicial eram sofríveis tanto para a Subescala Pai como para a Subescala Mãe, procedeu-se à respecificação do modelo, eliminando-se, progressivamente, os itens que apresentavam pesos factoriais estandardizados inferiores a .50 e/ ou valores de fiabilidade individual inferiores a .25 (os itens cujo factor de pertença explicava uma fracção inferior a 25% da sua variabilidade total). Neste processo foram igualmente analisados os índices de modificação superiores a 11 ( $p < .001$ ) produzidos pelo AMOS, tendo-se procedido à remoção dos itens cujos resíduos associados estavam fortemente associados (ou seja, itens cujo conteúdo se sobrepunha), ou cujos resíduos estavam fortemente associados a um factor que não o de pertença (indicativo que parte da explicação

---

7 Apesar de na Análise Factorial Exploratória o item 12 apresentar uma carga factorial inferior a .50 na subescala Mãe optou-se pela sua inclusão na Análise Factorial Confirmatória, no sentido de avaliar a possibilidade do mesmo ser mantido na versão final da escala que se pretendia semelhante para a Subescala Pai e para a Subescala Mãe.

do item era devida a um factor que não o de pertença). Por fim, procedeu-se ao cálculo dos valores médios, de desvio-padrão, da correlação item-total corrigida e do alfa de *Cronbach* do factor se excluído o item para cada um dos itens de cada factor (Tabela 5) recorrendo-se ao SPSS versão 17.0 (SPSS Inc, Chicago, IL).

### 3.4. Resultados da Subescala Pai

O modelo original revelou uma qualidade de ajustamento global sofrível ( $\chi^2/g.l. > 5$  (=6.19), valores de CFI e TLI inferiores a .90 (CFI= .76; TLI= .75), um valor de RMSEA ffl .08 (IC 90%: .08, .09). Com o intuito de melhorar a qualidade de ajustamento do modelo procedeu-se à sua respecificação do começando-se por eliminar os itens que apresentavam pesos factoriais estandardizados ( $\lambda$ ) inferiores a .50 e/ou valores de fiabilidade individual ( $R^2$ ) inferiores a .25. Neste âmbito foram eliminados, progressivamente, os itens 42 ( $\lambda = .37$ ;  $R^2 = .14$ ), 33 ( $\lambda = .47$ ;  $R^2 = .23$ ) e o 24 ( $\lambda = .48$ ;  $R^2 = .23$ ). Após a remoção destes itens o modelo continuava a apresentar um ajustamento sofrível [ $\chi^2/g.l. = 6.36$ , CFI= .78, TLI= .76, RMSEA= .08 (IC90%: .08,.09)] pelo que se prosseguiu com a análise dos Índices de Modificação (IM) superiores a 11 ( $p < .001$ ). A análise dos IM por ordem de grandeza revelou que diversos itens do mesmo factor apresentavam resíduos correlacionados, e que em todos eles, se verificava que o conteúdo dos itens era semelhante (e.g., no factor “crenças de validação emocional”, verificava-se uma elevada semelhança conceptual entre o item 9 “*O meu pai encorajava-me a partilhar as minhas emoções com ele (a) para que me pudesse ajudar a lidar com o que estava a sentir*” e o item 10 “*O meu pai incentivava-me a conversar sobre as minhas emoções, fazendo-me sentir que continuaria a ser aceite e respeitado se o fizesse*”). No sentido de melhorar o ajustamento do modelo e de tornar a escala mais prática (com um menor número de itens) optou-se pela remoção dos itens, cujo resíduo associado apresentava magnitudes de correlação mais elevadas com os resíduos de outros itens do mesmo factor. Neste processo foram, progressivamente, removidos os itens 4, 12, 25, 9, 15, 6, 43, 8, 39, 17, 28, 36. Por último foram ainda removidos os itens 20, 21 e 22 porque se verificaram correlações entre os resíduos que lhes estavam associados e outro factor latente (que não aquele em que o item saturava), dado que uma fracção considerável do comportamento de cada um destes itens não era explicada pelo factor de pertença do item.

Após a remoção dos itens acima indicados foi possível obter uma qualidade de ajustamento aceitável: valores de  $\chi^2/g.l. < 5$  (= 3.98), valores de CFI e TLI superiores a .90 (CFI= .92; TLI= .91), um valor de RMSEA ffl .06 (IC 90%: .06, .07). Verificou-se ainda que o modelo final (ajustado) apresentava uma qualidade de ajustamento significativamente superior à do modelo original na amostra sob estudo ( $\chi^2(513)=3590.544$ ,  $p < .05$ ).

Relativamente à validade factorial verificou-se que todos os itens medem o factor que se pretende que avaliem apresentando pesos factoriais estandardizados superiores a .50 e valores de trajetória estatisticamente significativos ( $p < .001$ ). De igual modo, todos os itens apresentaram fiabilidades individuais adequadas, com pesos ao quadrado a variar entre .25 (item 32) e .71 (item 30), o que mostra que cada um dos factores explica uma percentagem elevada da variância de todos os itens que o compõe (ver Tabela 5).

Relativamente à análise da consistência interna obteve-se um alfa de *Cronbach* de .89 para o factor “experiências de invalidação emocional” e de .90 para o factor “experiências de validação emocional”.

O estudo da sensibilidade psicométrica (tabela 5) indicou que todos os itens apresentam coeficientes de correlação item-total corrigidos superiores a .48 (item 32), o que comprova a qualidade e adequação de todos os itens para o factor de pertença. Os resultados revelaram igualmente que a consistência interna de cada um dos factores não melhorava com a exclusão de cada um dos itens.

### 3.5. Resultados Subescala Mãe

À semelhança dos resultados encontrados para a Subescala Pai o modelo original da Subescala Mãe revelou uma qualidade de ajustamento global sofrível ( $\chi^2/g.l. > 5$  (=5.15), valores de CFI e TLI inferiores a .90 (CFI= .80; TLI= .79), um valor de RMSEA ffl .06 (= .07; IC 90%: .07, .08). Em seguida, para melhorar o ajustamento do modelo, procedeu-se à sua respecificação começando-se por eliminar os itens que apresentavam pesos factoriais estandardizados ( $\lambda$ ) inferiores a .50 e/ou valores de fiabilidade individual ( $R^2$ ) inferiores a .25. Assim foram eliminados, progressivamente, os itens 42 ( $\lambda = .41$ ;  $R^2 = .17$ ), 28 ( $\lambda = .45$ ;  $R^2 = .20$ ), 12 ( $\lambda = .48$ ;  $R^2 = .23$ ), 17 ( $\lambda = .48$ ;  $R^2 = .23$ ) e 36 ( $\lambda = .48$ ;  $R^2 = .23$ ). Após a remoção destes itens o modelo mantinha uma qualidade de ajustamento sofrível [ $\chi^2/g.l. = 5.08$ , CFI= .84, TLI= .83, RMSEA= .07 (IC 90%: .07, .08)]. A análise dos Índices de Modificação superiores a 11 ( $p < .001$ ) por ordem de grandeza revelou que, tal como se havia verificado para a Subescala Pai, diversos itens do mesmo factor (e ocorrendo em ambos os factores) da Subescala Mãe apresentavam resíduos correlacionados, o que mais uma vez se justifica devido à semelhança conceptual entre os itens em que tal se verificava. Assim, com o intuito de melhorar o ajustamento do modelo e de tornar a escala mais prática optou-se pela remoção dos itens, cujo resíduo associado apresentava magnitudes de correlação mais elevadas com os resíduos de outros itens do mesmo factor (dado que havia uma sobreposição no conteúdo avaliado). Neste processo foram, progressivamente, removidos os itens 9, 4, 20, 39, 24, 43, 33, 15, 6. Por fim, foram removidos os itens 21,8,25,22 porque se verificou que uma fracção considerável do comportamento de cada um destes itens não era explicada

pelo factor de pertença do item mas sim pelo outro factor. Com a remoção destes itens o modelo modificado apresenta uma qualidade de ajustamento aceitável: valores de  $\chi^2/g.l.$   $< 5$  ( $= 4.24$ ), valores de CFI e TLI superiores a  $.90$  (CFI =  $.92$ ; TLI =  $.91$ ), um valor de RMSEA ffi  $.08$  (IC90%:  $.06, .07$ ).

Adicionalmente, o modelo ajustado apresenta uma qualidade de ajustamento significativamente superior à do modelo original na amostra sob estudo ( $\chi^2(513)=2815.649, p < .05$ ).

Relativamente à validade factorial verificou-se que todos os itens medem o factor que se pretende que avaliem apresentando pesos factoriais estandardizados superiores a  $.50$  e valores de trajetória estatisticamente significativos ( $p < .001$ ). De igual modo, todos os itens apresentaram fiabilidades individuais adequadas, com pesos ao quadrado a variar entre  $.25$  (item 18) e  $.72$  (item 30), o que demonstra que cada um dos factores explica uma percentagem elevada da variância de todos os itens que o compõe (Tabela 5).

Relativamente à análise da consistência interna obteve-se um alfa de Cronbach de  $.90$  para o factor “experiências de invalidação emocional” e de  $.90$  para o factor “experiências de validação emocional”.

O estudo da sensibilidade psicométrica (Tabela 5) indicou que todos os itens apresentam coeficientes de correlação item-total corrigidos superiores a  $.48$  (item 18) o que comprova a qualidade e adequação de todos os itens para o factor de pertença. Os resultados revelaram igualmente que a consistência interna de cada um dos factores não melhorava com a exclusão de cada um dos itens.

Tabela 5 Pesos factoriais estandardizados ( $\lambda$ ) e fiabilidade individual ( $R^2$ ) de cada um dos itens do modelo ajustado para a subescala Pai e para a subescala Mãe. Valores médios (M), de desvio-padrão (DP), da correlação item-total corrigida ( $r$ ) e da consistência interna se eliminado o item ( $\alpha$ ) para a subescala Pai e para subescala Mãe ( $n=765$ ).

	Sub-escala Pai						Sub-escala Mãe					
	$\lambda$	$R^2$	M	DP	$r$	$\alpha$	$\lambda$	$R^2$	M	DP	$r$	$\alpha$
<b>Experiências de invalidação emocional</b>												
QEVE_2.	.63	.40	1.87	1.14	.59	.88	.66	.43	1.77	1.09	.62	.89
QEVE_7.	.61	.37	2.07	1.23	.57	.88	.67	.45	2.17	1.26	.63	.89
QEVE_11.	.69	.48	1.97	1.19	.66	.88	.72	.51	2.03	1.20	.67	.89
QEVE_14.	.59	.35	1.99	1.18	.55	.88	.64	.41	1.93	1.16	.61	.89
QEVE_18.	.56	.31	2.02	1.14	.53	.88	.50	.25	2.16	1.18	.48	.90
QEVE_19.	.69	.47	1.85	1.16	.64	.88	.63	.39	2.01	1.17	.59	.89
QEVE_23.	.70	.48	2.01	1.21	.65	.88	.72	.52	1.90	1.09	.68	.89
QEVE_26.	.55	.30	2.55	1.33	.52	.88	.60	.36	2.41	1.22	.56	.89
QEVE_29.	.58	.34	1.88	1.16	.53	.88	.69	.47	1.74	1.08	.64	.89

QEVE_32.	.50	.25	2.28	1.25	.48	.89	.52	.27	2.14	1.16	.50	.90
QEVE_35.	.72	.51	2.13	1.21	.67	.88	.69	.48	2.19	1.26	.66	.89
QEVE_37.	.65	.43	1.94	1.14	.61	.88	.72	.52	1.84	1.06	.68	.89
QEVE_40.	.57	.33	1.93	1.16	.54	.88	.55	.30	2.03	1.17	.53	.90
<b>Experiências de Validação Emocional</b>												
QEVE_3.	.76	.58	2.52	1.31	.69	.88	.74	.55	2.79	1.34	.69	.88
QEVE_10.	.81	.66	2.38	1.38	.75	.87	.70	.48	3.13	1.37	.66	.88
QEVE_13.	.53	.28	2.78	1.40	.52	.90	.57	.33	2.89	1.39	.55	.89
QEVE_30.	.85	.71	2.44	1.33	.70	.87	.85	.72	2.85	1.36	.79	.87
QEVE_31.	.84	.70	2.38	1.26	.77	.87	.67	.45	3.00	1.31	.63	.89
QEVE_38.	.65	.42	2.29	1.26	.64	.89	.74	.55	2.43	1.30	.70	.88
QEVE_41.	.77	.59	2.32	1.32	.75	.87	.70	.49	2.61	1.30	.66	.88
QEVE_45.	.53	.29	2.58	1.31	.53	.90	.79	.62	2.48	1.30	.73	.88

### 3.º Estudo: Validade Convergente e Divergente

## 4. Metodologia

### 4.1. Participantes

Neste estudo foi utilizada uma amostra de 1045 indivíduos da população geral. A amostra foi constituída por 725 indivíduos do sexo feminino e 320 do sexo masculino, que apresentavam uma idade média de 35,85 anos ( $DP=10,55$ ). Em relação às habilitações literárias obteve-se uma média de 13,02 ( $DP=3,94$ ) anos de escolaridade. No que concerne ao estado civil, 57,5% dos participantes era casado ou vivia em união de facto. Em relação à situação profissional, 53,4% dos respondentes tinham profissões de classe média e 4,5% ( $n=47$ ) eram estudantes. Não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre as variáveis em estudo e as habilitações literárias dos respondentes. Na tabela 6 apresentam-se as características demográficas da amostra em estudo.

Tabela 6 Caracterização demográfica da amostra em estudo.

	Total (n=1045)		Género feminino (n=725)		Género masculino (n=320)	
	M	DP	M	DP	M	DP
Idade	35,85	10,55	36,13	10,14	35,21	11,40
Anos de escolaridade	13,02	3,94	13,31	3,94	12,36	3,88
	Total		Género feminino		Género masculino	

	N	%	n	%	n	%
<b>Estado Civil</b>						
Solteiro	367	35.1	224	30.9	143	44.7
Casado/ União de facto	601	57.5	436	60.1	165	51.5
Divorciado/ Separado	63	6	52	7.2	11	3.4
Viúvo	14	1.3	13	1.8	1	0.3
<b>Situação Profissional</b>						
Profissão de classe baixa	358	34.3	215	29.7	143	44.7
Profissão de classe média	558	53.4	409	56.4	149	46.6
Profissão de classe alta	82	7.8	58	8.0	24	7.5
Estudante	47	4.5	43	5.9	4	1.3

#### 4.2. Instrumentos

**Escala de Experiências Precoces de Vida** (*The Early Life Experiences Scale* - ELES, Gilbert et al., 2003; tradução e adaptação de Lopes & Pinto Gouveia, *manuscrito não publicado*). Esta escala avalia as recordações de ameaça percebida e de subordinação durante a infância. Os 15 itens que compõem a escala distribuem-se por 3 factores: *ameaça percebida* (6 itens), sentimentos de *subordinação* e comportamentos de *submissão* manifestados (6 itens) e sentimentos de *desvalorização* (3 itens) vivenciados no seio da família. Os respondentes avaliam a frequência e veracidade de cada afirmação, em relação a si, com base numa escala tipo Likert de 5 pontos (1 - “completamente falso”; 5 - “muito verdadeiro”). Na versão original da escala foram obtidos alfas de Cronbach de .89 (*ameaça*) .85 (*submissão*) e .71 (*desvalorização*).

**Questionário de Experiências de Cuidado e Abuso na Infância** (*The Childhood Experience of Care and Abuse Questionnaire* - CECA.Q, Smith, Lam, Bifulco, & Checkley, 2002; tradução e adaptação de Carvalho et al., *submetido para publicação*). Neste estudo utilizámos a primeira secção do questionário, a *escala de cuidado parental*, que é composta por 16 itens que avaliam experiências de *antipatia* (8 itens) e de *negligência* (8 itens). Para cada um dos itens os sujeitos respondem separadamente em relação à mãe (ou sua substituta) e ao pai (ou seu substituto). A dimensão *negligência parental* avalia a ocorrência de situações de negligência quanto às necessidades materiais (alimentação e vestuário), saúde, sociais e educativas. A dimensão *antipatia parental* avalia a quantidade de criticismo, aversão, rejeição, hostilidade e frieza demonstradas pela figura parental. Cada afirmação é cotada, numa escala de Likert de 5 pontos (5 - “Sim, totalmente”; 1 - “Não, de modo nenhum”). Na versão original da escala, os alfas de Cronbach foram de .80 e .81 para as dimensões *antipatia* e *negligência* respectivamente.

**Questionário de Ligação Parental** (*Parental Bonding Instrument* - PBI, Parker et al., 1979; tradução e adaptação de Baptista & Lory, 1997). É uma medida

retrospectiva que avalia a percepção subjectiva dos comportamentos e atitudes parentais durante os primeiros 16 anos de vida. É utilizado igualmente para avaliar a qualidade da vinculação ou da “ligação” entre os pais e a criança. O questionário é composto 25 itens que se dividem entre duas sub-escalas: a sub-escala *cuidado/carinho* composta por 12 itens e a sub-escala *sobreprotecção* constituída por 13 itens. A sub-escala *cuidado/ carinho* é avaliada num contínuo entre pais calorosos, cuidadores, afectuosos e empáticos e pais rejeitantes, indiferentes e insensíveis. A sub-escala *sobreprotecção* é avaliada num contínuo entre pais que promovem a autonomia e independência e pais controladores, sobreprotectores, que invadem a privacidade e infantilizam os seus filhos. É solicitado ao respondente que classifique cada item, separadamente para o pai e para a mãe, utilizando uma escala de Likert de 4 pontos (3 - “*muito parecido*”; 0 - “*muito diferente*”). O questionário original apresenta valores de consistência interna que variam entre .83 e .95.

**Questionário de Expressividade na Família** (*Family Expressivity Questionnaire – FEQ*, Halberstadt, 1986; tradução e adaptação de Dinis, Pinto Gouveia & Xavier, *no prelo*). Trata-se de uma medida retrospectiva de auto-resposta, composta por 40 cenários afectivos hipotéticos, que representam uma variedade de emoções presentes em contextos que são típicos em muitas famílias. É solicitado ao respondente que classifique cada cenário, atribuindo-lhe um número que represente colectivamente a frequência com que aconteceu, durante a sua infância e adolescência na sua família, em comparação com o que acontecia noutras famílias. Para este efeito o respondente deve utilizar uma escala de Likert de 9 pontos (1 - “*nada frequente na minha família*”; 9 - “*muito frequente na minha família*”). O questionário é composto por duas dimensões: a valência do afecto (positiva, negativa) e o poder/ intensidade da expressão (dominante, submisso). Ao se cruzarem estas duas dimensões, surgem quatro quadrantes que correspondem às quatro sub-escalas que compõem a medida: *dominância positiva* (descreve cenários em que os elementos da família assumiram um papel activo quanto à demonstração de emoções positivas), *submissão positiva* (captura acções reactivas/ responsivas que têm como intenção criar afecto positivo), *dominância negativa* (captura a manifestação aberta de criticismo, desprezo, ameaça e raiva) e *submissão negativa* (é relativa às demonstrações de mágoa, embaraço e desapontamento no seio da família). Na versão original do questionário foram encontrados alfas de Cronbach de .75 (*submissão negativa*), .87 (*dominância positiva*) e .88 (*submissão positiva* e *dominância negativa*). Neste estudo foi utilizada a versão portuguesa do questionário (Dinis, Pinto-Gouveia, & Xavier, *no prelo*) composta por duas dimensões: a *expressividade familiar positiva* (que agrupa os itens das subescalas positivas, dominante e submissão) e a *expressividade familiar negativa* (que agrupa os itens das subescalas negativas, dominante e submissão).

**Escalas de Ansiedade Depressão e Stress** (EADS-42, *Depression Anxiety Stress Scales - DASS-42*, Lovibond & Lovibond, 1995, tradução e adaptação de Pais -Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004). O EADS é constituído por 42 itens, distribuídos equitativamente por três dimensões, que pretendem avaliar respectivamente os estados afectivos de *depressão*, *ansiedade* e *stress*. Solicita-se ao sujeito que avalie a extensão com que experimentou cada sintoma emocional negativo durante a última semana, numa escala de 4 pontos de frequência ou gravidade (0= “*não se aplicou nada a mim*” a 3= “*aplicou-se a mim a maior parte do tempo*”). Para a versão portuguesa desta escala, os autores encontraram bons valores de consistência interna, com alfas de Cronbach a variarem entre .83 e .93.

#### **4.3. Procedimento**

Os participantes que são estudantes foram recrutados na Universidade de Coimbra e frequentam diversas licenciaturas e anos curriculares. Os restantes participantes, que pertencem a diferentes classes profissionais, foram recrutados em diferentes instituições públicas e privadas (e.g. escolas, unidades fabris, organismos estatais). Após as instituições envolvidas aceitarem colaborar na presente investigação, aos indivíduos que aceitaram participar voluntariamente no presente estudo, foi solicitado o preenchimento de uma bateria de questionários. Contudo, como cada participante completou somente um subconjunto de instrumentos de medida, o tamanho da amostra variou entre 367 e 1045.

#### **4.3. Estratégia Analítica**

Com o intuito de calcular a validade convergente e divergente do QEVE procedeu-se ao cálculo das matrizes de correlações produto-momento de Pearson entre os dois factores do QEVE com medidas de constructos teoricamente semelhantes (que se esperaria que estivessem fortemente relacionadas) e dissemelhantes (que se esperaria que não estivessem associadas ou que apresentassem uma fraca associação). A análise aos valores de assimetria e achatamento das variáveis em estudo comprovou a inexistência de violações graves ao pressuposto de normalidade (valores de assimetria  $<|3|$  e valores de curtose inferiores a  $|8|$ ; Kline, 1998). No mesmo sentido, a apesar da análise aos diagramas de extremos-e-quartis ter revelado a existência de 6 *outliers* para a variável DASS-Depressão e de 8 para a variável DASS-Ansiedade, estas observações foram mantidas dado que a comparação das matrizes antes e depois de removidos os referidos *outliers* não se diferenciava. Os valores de consistência interna das variáveis em estudo foram calculados através do alfa de Cronbach. Os procedimentos estatísticos foram realizados com recurso ao software SPSS (v.17; SPSS Inc, Chicago, IL).

#### 4.4. Resultados

Todas as variáveis apresentaram valores indicativos de uma boa consistência interna (Nunnally, 1978), à exceção da subescala de desvalorização do ELES, que apresentou um valor ligeiramente abaixo ainda que aceitável. A análise da Tabela 7 mostra que as correlações entre as dimensões do QEVE e as outras medidas retrospectivas parentais não se situam acima de .70, o que significa que este questionário não avalia as mesmas experiências, ou os mesmos estilos parentais, avaliados por essas medidas, mas sim constructos que apesar de poderem assemelhar-se serão, pelo menos em parte diferentes. Quando avaliamos, separadamente, as correlações, entre as *experiências de invalidação emocional* para ambas as figuras parentais e o *Questionário de Expressividade Familiar (FEQ)*, verificamos que esta dimensão apresenta uma correlação positiva e significativa, de moderada magnitude, com a *expressividade familiar negativa*. Também as *experiências de validação emocional* apresentam uma correlação positiva moderada com a *expressividade familiar positiva*. As dimensões *ameaça e submissão* da *Escala de Experiências Precoces de Vida (ELES)* apresentam correlações positivas, de magnitude moderada, com as *experiências de invalidação emocional*, e correlações negativas, de magnitude semelhante, com as *experiências de validação emocional*. A dimensão *desvalorização* do mesmo instrumento apresenta uma correlação negativa com as *experiências de validação emocional*, de magnitude superior à, correlação positiva, que apresenta com as *experiências de invalidação emocional*.

Se observarmos as correlações que o QEVE apresenta com o *Questionário de Ligação Parental (PBI)*, verificamos que a dimensão *carinho/ cuidado* apresenta uma correlação positiva moderada com as *experiências de validação emocional*. Já no sentido oposto, a dimensão *sobreprotecção* apresenta uma correlação positiva, de magnitude baixa a moderada, com as *experiências de invalidação emocional*.

No mesmo sentido, quando examinamos as correlações com o *Questionário de Experiências de Cuidado e Abuso na Infância (CECA.Q)*, verificamos que as dimensões *negligência* e *antipatia* apresentam uma correlação negativa com as *experiências de validação emocional* e positiva com as *experiências de invalidação emocional*.

Por último, foram ainda analisados os coeficientes de correlação entre o QEVE e as *Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (DASS)* que avaliam a presença de sintomas psicopatológicos no presente. Constatou-se que a dimensão *experiências de invalidação emocional* apresenta correlações positivas significativas, de baixa magnitude, com os sintomas de *depressão*, *ansiedade* e *stress*, e pelo contrário, a dimensão *experiências de validação emocional* apresenta correlações negativas, da mesma ordem de magnitude, com esses sintomas.

Em síntese, estes dados sugerem que o QEVE apresenta uma boa validade divergente e convergente (Tabela 7).

Tabela 7 Correlações produto-momento de Pearson entre as experiências de (in) validação (QEVE), com as experiências de ameaça, submissão e desvalorização (ELES) ocorridas durante a infância, os estilos parentais de antipatia e negligência (CECA.Q), de sobreproteção e de calor-afecto (PBI), a expressividade familiar positiva e negativa (FEQ) e a psicopatologia (DASS-42). Valores de consistência interna de cada uma das variáveis utilizadas no estudo.

		Figura Paterna		Figura Materna		Alfa de Cronbach
		Experiências de Invalidação Emocional	Experiências de Validação Emocional	Experiências de Invalidação Emocional	Experiências de Validação Emocional	
Questionário de Experiências de (In) validação na Infância – QEVE (n=1045)	Pai – Invalidação	1				.88
	Pai – Validação	-.17**	1			.90
	Mãe – Invalidação	.82**	-.17**	1		.88
	Mãe – Validação	-.12**	.85**	-.21**	1	.89
Escala de Experiências Precoces de Vida – ELES (n=368)	Ameaça	.54**	-.35**	.54**	-.39**	.84
	Submissão	.50**	-.42**	.50**	-.45**	.83
	Desvalorização	.37**	-.56**	.43**	-.53**	.66
Questionário de Experiências de Cuidado e Abuso na Infância – CECA.Q (n=367)	Pai antipatia	.54**	-.47**	.42**	-.32**	.85
	Pai negligência	.28**	-.64**	.28**	-.48**	.88
	Mãe antipatia	.40**	-.36**	.58**	-.45**	.83
	Mãe negligência	.31**	-.45**	.41**	-.54**	.83
Questionário de Ligação Parental - PBI (n=541)	Pai sobreprotecção	.46**	-.31**	.38**	-.28**	.80
	Pai carinho	-.44**	.62**	-.40**	.46**	.88
	Mãe sobreprotecção	.31**	-.28**	.42**	-.35**	.78
Questionário de Expressividade Familiar – FEQ (n=494)	Mãe carinho	-.38**	.43**	-.53**	.56**	.87
	Negativo	.42**	-.33**	.45**	-.33**	.88
	Positivo	-.19**	.52**	-.21**	.50**	.93
Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (n=895)	Depressão	.18**	-.21**	.24**	-.21**	.94
	Ansiedade	.17**	-.14**	.20**	-.13**	.91
	Stress	.21**	-.20**	.25**	-.16**	.93

\*\* p < .01; \* p < .05

## 5. Discussão

O presente estudo teve como propósito apresentar as características psicométricas de um novo instrumento que pretende avaliar, retrospectivamente, as experiências de validação e de invalidação emocional vividas na relação com os pais (ou seus substitutos) durante os primeiros dezoito anos de vida. A Análise Factorial Exploratória efectuada numa ampla amostra da população geral revelou uma solução bidimensional, quer para a subescala figura paterna quer para a subescala figura materna. A estrutura bidimensional foi ainda confirmada através da

Análise Factorial Confirmatória (AFC) numa nova amostra que resultou da junção de uma amostra não-clínica com uma amostra clínica. Com o intuito de desenvolver uma escala de mais fácil aplicação e para evitar a sobreposição conceptual entre itens, alguns itens foram removidos, conduzindo a que a versão final da medida ficasse constituída por 21 itens (13 itens que avaliam as “experiências de invalidação emocional” e 8 itens que avaliam as “experiências de validação emocional”). A análise dos índices de ajustamento global utilizados permitem concluir que ambos os modelos (da subescala Pai e da subescala Mãe) revelam um ajustamento adequado, com a AFC a validar a existência de uma estrutura bidimensional em ambas as subescalas.

Os elevados alfas de Cronbach encontrados apontam para uma boa consistência interna das duas dimensões em cada uma das subescalas do QEVE.

O conjunto de itens, que compõem a dimensão *experiências de validação emocional*, traduz na sua globalidade, uma percepção positiva acerca das figuras parentais. Tendo em conta a análise do conteúdo dos itens, que compõem esta dimensão, as *experiências de validação* vivenciadas com as figuras parentais estão associadas a uma percepção dos pais semelhante à filosofia parental “treinador” de emoções descrita por Gottman e colaboradores (Gottman et al., 1996, 1997) e ao estilo parental suportivo descrito por Eisenberg e colaboradores (Eisenberg et al., 1998). Mais especificamente podemos fazer um paralelismo entre as descrições fornecidas por estes investigadores acerca destes estilos parentais e o conteúdo dos itens do QEVE. Assim, as experiências de validação emocional parecem ser proporcionadas por pais que aceitavam, toleravam, compreendiam, respeitavam, valorizavam, legitimavam e normalizavam as emoções negativas dos seus filhos (e.g. “*A minha mãe legitimava as minhas emoções negativas (tristeza, raiva, medo)*”, “*A minha mãe aceitava e normalizava as minhas emoções*”). E estão igualmente associadas ao ensino de competências de prestar atenção, identificar, nomear e discriminar as emoções (e.g. “*A minha mãe encorajava-me a expressar as minhas emoções e ensinava-me a dar um nome ao que estava a sentir*.”), ao ensino de estratégias de regulação emocional (e.g. “*O meu pai ensinou-me estratégias para lidar com as minhas emoções*”) e de como expressar as emoções de um modo socialmente aceitável (“*O meu pai ensinou-me a expressar as minhas emoções de um modo socialmente aceitável*”). Os resultados fornecem igualmente suporte para a ideia de que as experiências de validação emocional estão associadas a uma elevada expressividade parental positiva e a uma atitude de encorajamento e reforço para que a criança expresse as suas emoções (e.g. “*O meu pai incentivava-me a conversar sobre as minhas emoções, fazendo-me sentir que continuaria a ser aceite e respeitado se o fizesse*.”). Alguns estudos já haviam sugerido que o reforço ou encorajamento para a expressão de emoções negativas pode ser benéfico desde que os pais ensinem a criança

a expressar-se de um modo socialmente aceitável e a regular as suas emoções (e.g. Katz et al., 1999). Existem igualmente estudos que mostram a importância dos pais expressarem emoções positivas dirigidas à criança para que ela tenha um bom desenvolvimento sócio-emocional (Eisenberg et al., 1998). Por fim, a ocorrência de experiências de validação emocional parece traduzir, em certa medida, a existência de uma relação positiva entre os pais e a criança, dado estar associada a uma visão dos pais como calorosos, responsivos e empáticos (“*A minha mãe fazia-me sentir que os meus sentimentos podiam ser tranquilizados*”, “*O meu pai aceitava e normalizava as minhas emoções*”). Esta associação vai de encontro à hipótese de Leahy (2005) acerca da importância do estabelecimento de uma relação de vinculação segura entre a criança e os pais para que ela sinta que as suas emoções são validadas. Também Gilbert e colaboradores (1996) defendem a importância das crianças vivenciarem experiências de calor/ afecto na relação com os pais para que possam internalizar uma visão positiva acerca de si próprias como sendo pessoas com valor, amadas e aceites pelos outros.

Já num sentido oposto, o conteúdo dos itens que compõem a dimensão *experiências de invalidação emocional* do QEVE, parecem associar-se às filosofias parentais “desaprovador” e “indiferente” descritas por Gottman e colaboradores (Gottman et al., 1996, 1997) e aos estilos parentais “punitivo” e “minimizador” descritos por Eisenberg e colaboradores (Eisenberg et al., 1998). Mais especificamente, as experiências de invalidação emocional, parecem estar associadas a uma percepção dos pais como indiferentes, críticos, disciplinadores e punitivos em relação à experiência e expressão de emoções negativas da criança (e.g. “*A minha mãe julgava as minhas emoções e ordenava que me sentisse de outro modo*”, “*O meu pai negava a seriedade das situações ou a gravidade dos problemas que me provocavam emoções intensas (raiva, tristeza, medo)*”) e à ideia de que estes tinham crenças negativas acerca da experiência e expressão das emoções, como sendo desnecessárias, não importantes, irrazoáveis, incompreensíveis, e prejudiciais (e.g. “*A minha mãe fazia-me sentir culpado (a) por ter certas emoções*”, “*O meu pai fazia-me crer que se passava algo de errado comigo por ter essa emoção*”). No mesmo sentido, o ensino de estratégias de controlo, supressão e evitamento emocional (Gottman, 1997, Eisenberg et al., 1996), e o baixo encorajamento da expressão emocional (Denham et al., 1994), que estão associados a estes estilos parentais, parecem funcionar globalmente como experiências de invalidação emocional, tal como demonstrado nos seguintes itens do QEVE: “*O meu pai punia-me por ter/expressar determinadas emoções*”, “*Para a minha mãe não era permitido expressar determinadas emoções*”). Por fim, as experiências de invalidação emocional parecem expressar a existência de um padrão de vinculação inseguro (caracterizado pela falta de responsividade parental, insensibilidade aos sinais de perturbação e rejeição) tal como descrito por Bowlby (1988), e presente em itens como: “A

*minha mãe era sarcástica(o) em relação aos meus sentimentos”; “Quando eu pedia ao meu pai para que tivesse em consideração os meus motivos ou se colocasse no meu lugar, ele voltava-se contra mim”).*

166

As baixas correlações encontradas entre as duas dimensões do QEVE fazem-nos pressupor que estas experiências poderão estar associadas a vivências de natureza diferente, e que estão possivelmente associadas, na adultez, a sistemas de afecto distintos, dada associação diferencial que encontramos entre estas duas dimensões e a presença de sintomas psicopatológicos na adultez. Estes resultados são consonantes com os de Irons e colaboradores (2006), que mostraram que as capacidades de auto-tranquilização/acalmia, resultam de experiências relacionais positivas ocorridas durante a infância com pais que são calorosos, empáticos e suportivos, são protectoras contra o desenvolvimento de sintomas depressivos; enquanto os indivíduos que tiveram pais críticos, hostis e rejeitantes, tendem a tornar-se auto-críticos, sendo este um dos principais factores de vulnerabilidade para o desenvolvimento de depressão na adultez.

A validade convergente e divergente do QEVE foi calculada através dos coeficientes de correlação entre as dimensões que o compõem e diferentes medidas retrospectivas que avaliam experiências de vida adversas, os estilos parentais e o ambiente de expressividade emocional da família. A magnitude das correlações encontradas sugere-nos a possibilidade do QEVE não se sobrepor a outras medidas já existentes que avaliam os estilos parentais, apesar de a elas estar associado, mas medir constructos diferentes (talvez mais abrangentes ou gerais), que as restantes medidas utilizadas neste estudo.

Algumas limitações metodológicas devem ser tidas em conta na análise dos resultados apresentados neste estudo. Uma das limitações diz respeito ao facto de não ter sido utilizada uma medida de temperamento, dado que a literatura demonstra, que crianças mais difíceis podem ter promovido por parte dos pais a adopção de reacções parentais negativas (Eisenberg et al.,1998). Por outro lado, dado que o QEVE é uma escala retrospectiva, que está dependente da capacidade do respondente para evocar as suas memórias, apenas pode ser equacionada como uma medida que avalia a percepção subjectiva do respondente e não como uma medida objectiva.

Contudo, uma vantagem das análises estatísticas implementadas, e da utilização de diferentes amostras, foi a de tornar possível a utilização do QEVE quer em amostras não-clínicas quer em amostras clínicas. Seria interessante que, em estudos futuros, se explorasse a possibilidade das experiências de invalidação emocional se constituírem como um factor de risco para o desenvolvimento de psicopatologia em geral, ou se por outro lado, funcionam como precursores para

determinados quadros clínicos em particular. Por fim, seria importante verificar, se a recordação de experiências de invalidação e de validação emocional durante a infância e a adolescência, está associada na adultez ao uso diferencial de estratégias de regulação emocional. Isto porque alguns estudos demonstram, que o estilo parental “treinador” de emoções se associa na infância à adoção de estratégias de coping constructivas como a reavaliação cognitiva (Gottman et al., 1996), e os estilos desaprovador, indiferente e punitivo se associam na infância ao uso inflexível de estratégias de controlo, supressão e evitamento (Gottman et al., 1996; Eisenberg et al., 1996).

Em síntese, os resultados obtidos neste estudo sugerem que o QEVE é uma medida retrospectiva útil para utilização na investigação e na clínica, permitindo avaliar a ocorrência de experiências de validação e de invalidação emocional na família.

## 6. Bibliografia

- Associação Americana de Psiquiatria (2000). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4ª Edição). Lisboa: Climepsi.
- Baptista, A. & Lory, F. (1997). Questionário de Ligação Parental. Validação para a população Portuguesa do Parental Bonding Instrument In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Volume V). Braga.
- Bell, K. L. (1998). Family expressiveness and attachment. *Social Development*, 7, 37-53. doi: 10.1111/1467-9507.00049
- Bennett, D. S., Sullivan, M. W., & Lewis, M. (2005). Young children's adjustment as a function of maltreatment, shame, and anger. *Child Maltreatment*, 10, 311-323. doi: 10.1177/1077559505278619
- Bifulco, A., Brown, G.W., & Adler, Z. (1991). Early sexual abuse and clinical depression in adult life. *British Journal of Psychiatry*, 159, 115-122. doi: 10.1192/bjp.159.1.115
- Bowlby, J. (1980). *Loss: Sadness and Depression. Attachment and Loss*, Vol. 3 London: Hoagarth Press.
- Bowlby, J. (1988). Development psychiatric comes of age. *American Journal of Psychiatry*, 145, 1-10.
- Brewin, C. R., Firth-Cozens, J., Furnham, A. & McManus, C. (1992). Self-criticism in adulthood and recalled childhood experience. *Journal of Abnormal Psychology*, 101, 561-566. doi: 10.1037/0021-843X.101.3.561
- Bronstein, P., Fitzgerald, M., Briones, M., Pieniadz, J., & D'Ari, A. (1993). Family emotional expressiveness as a predictor of early adolescent social and psychological adjustment. *Journal of Early Adolescence*, 13, 448-471.
- Carvalho, S., Pinto-Gouveia, J., Pimental, P., Castilho, P., Maia, J., & Mota-Pereira, J. Propriedades Psicométricas da Escala de Cuidado do Questionário das Experiências de Cuidado e Abuso na Infância. *Manuscrito submetido para publicação*.
- Castro, J. (2000). Perceived Rearing Practices and Anorexia Nervosa. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 320-325. doi: 10.1002/1099-0879(200010)7:4<320::AID-CPP265>3.0.CO;2-L

- Cumming, E. M. & Davies, P. (1996). Emotional security as a regulatory process in normal development and the development of psychopathology. *Development and Psychopathology*, 8, 123-139. doi: 10.1017/S0954579400007008
- Denham, S. A., Zoller, D., & Couchoud, E. A. (1994). Socialization of preschoolers' emotion understanding. *Developmental Psychology*, 30, 928-936. doi: 10.1037/0012-1649.30.6.928
- Dinardo, P. A., & Barlow, D. H. (1988). *The anxiety disorders interview schedule - revised (ADIS-R)*. Albany, NY: Graywind.
- Dinis, A., Pinto-Gouveia, J., & Xavier, A. (no prelo). Questionário de Expressividade Familiar. *Psychologica*.
- Dunsmore, J. C., & Halberstadt, A. G. (1997). How does family emotional expressiveness affect children's schemas? In K. C. Barrett (Ed.), *The communication of emotion: Current research from diverse perspectives* (pp. 45-68). San Francisco: Jossey-Bass.
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1994). Mothers' reactions to children's negative emotions: Relations to children's temperament and anger behavior. *Merrill - Palmer Quarterly*, 40, 138-156.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, 9, 241-273. doi: 10.1207/s15327965pli0904\_1
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development*, 67, 2227-2247. doi: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01854.x
- Eisenberg, N., Losoya, S., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., Reiser, M., Murphy, B., ... Padgett, S. J. (2001). Parental socialization of children's dysregulated expression of emotion and externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 15, 183-205. doi: 10.1037/0893-3200.15.2.183
- Fabes, R.A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990). *The coping with children's negative emotions scale: Procedures and scoring*. Available from authors. Arizona State University
- Faravelli, C., Panichi, C., Pallanti, S., Paterniti, S., Grecu, L. M., & Rivelli, S. (1991). Perception of early parenting in panic and agoraphobia. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 84, 6-8. doi: 10.1111/j.1600-0447.1991.tb01411.x
- First, M. B., Spitzer, R. L., Gibbon, M., Williams, J. B. W., & Benjamin, L. S. (1997). *Structured clinical interview for DSM-IV axis II personality disorders — SCID II*. Washington, D. C.: American Psychiatric Press.
- First, M. B., Spitzer, R. L., Gibbon, M., & Williams, J. B. W. (1997). *Structured clinical interview for DSM-IV axis I disorders — SCID I*. Washington, D. C.: American Psychiatric Press.
- Garner, P. W. (1995). Toddlers' emotion regulation behaviors: The roles of social context and family expressiveness. *Journal of Genetic Psychology*, 156, 417-430.
- Gerlsma, C., Emmelkamp, P.M.G. & Arrindell, W.A. (1990). Anxiety, depression, and the perception of early parenting: a meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 10, 251-277.
- Gilbert, P. (1992). *Depression. The evolution of powerlessness*. Hove: Guilford/ Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilbert, P., Allan, S., & Goss, K. (1996). Parental representations, shame, interpersonal problems, and vulnerability to psychopathology. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 3, 23-34. doi: 10.1002/(SICI)1099-0879(199603)3:1<23::AID-CPP66>3.0.CO;2-O
- Gilbert, P., Cheung, M., Grandfield, T., Campey, F. & Irons, C. (2003) Recall of threat and submissiveness in childhood: Development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10, 108-115.
- Gottman, J. M. (with DeClaire, J.) (1997). *The heart of parenting: Raising an emotionally intelligent child*. New York: Simon & Schuster.

- Gottman, J. M., Katz, L. F. & Hooven, C. (1997). *Meta-emotion: How families communicate emotionally*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: Theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology, 10*, 243-268. doi: 10.1037/0893-3200.10.3.243
- Gross, A. B., & Keller, H. R. (1992). Long-term consequences of childhood physical and psychological maltreatment. *Aggressive Behavior, 18*, 171-185.
- Halberstadt, A. G. (1986). Family socialization of emotional expression and nonverbal communication styles and skills. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 827-836. doi: 10.1037/0022-3514.51.4.827
- Halberstadt, A. G., Fox, N. A., & Jones, N. A. (1993). Do expressive mothers have expressive children? The role of socialization in children's affect expression. *Social Development, 2*, 48-65.
- Halverson, C. F. (1988). Remembering your parents: reflections on the retrospective method. *Journal of Personality, 56*, 435-443. doi: 10.1111/j.1467-6494.1988.tb00895.x
- Helgeland, M. I. & Torgersen, S. (1997). Maternal representations of patients with schizophrenia as measured by the Parental Bonding Instrument. *Scandinavian Journal of Psychology, 38*, 39-43.
- Hoekstra, R. J., Visser, S., Emmelkamp, P. M. G. (1989). A social learning formulation of the aetiology of obsessive-compulsive disorders. In Emmelkamp, P. M. G., Everaerd, T. A., Kraaimaat, F., & van Son, M. (Eds.), *Fresh Perspectives in Anxiety Disorders* (pp. 115-123) Swets: Amsterdam-Berwyn.
- Hu, L.T. & Bentler, P.M. (1999). Cutoff Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives. *Structural Equation Modeling, 6* (1), 1-55
- Irons, C., Gilbert, P., Baldwin, M. W., Baccus, J. R., & Palmer, M. (2006). Parental recall, attachment relating and self-attacking/self-reassurance: Their relationship with depression. *British Journal of Clinical Psychology, 45*, 297-308
- Katz, L.F., Wilson, B. & Gottman, J.M. (1999). Meta-emotion philosophy and family adjustment: Making an emotional connection. In J. Brooks-Gunn & M. Cox (Eds.) *Conflict and closeness: The formation, functioning and stability of families*. (pp. 131-166) Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practices of structural equation modeling*. New York: Guilford).
- Kuiken, D. (Ed.) (1991). *Mood and memory: Theory, research and applications*. Newbury Park, CA: Sage.
- Leahy, R.L. (2005). A social-cognitive model of validation: In, P. Gilbert (ed). *Compassion: Conceptualisations, Research and Use in Psychotherapy*. (pp. 195-217) London: Brunner-Routledge.
- Lewinsohn, P. M. & Rosenbaum, M. (1987). Recall of parental behavior by acute depressives, remitted depressives and non-depressives. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 611-619. doi: 10.1037/0022-3514.52.3.611
- Lindahl, K. M. (1998). Family process variables and children's disruptive behavior problems. *Journal of Family Psychology, 12*, 420-436.
- Linehan, M. M. (1993). *Cognitive-behavioral treatment of borderline personality disorder*. New York: Guilford Press.
- Lopes, B. & Pinto-Gouveia, J. Escala de Experiências Precoces de Vida. *Manuscrito não publicado*.
- Lovibond, P., & Lovibond, S. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy, 33*(3), 335-343. doi:10.1016/0005-7967(94)00075-U
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Editor: Report Number

- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory* (2<sup>a</sup> ed.). USA: McGraw Hill.
- Pais-Ribeiro, J., Hontado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de depressão ansiedade e stress de Lovibond e Lovibond. *Psychologica*, 36, 235-246.
- Parke, R. D., & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In N. Eisenberg, W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed., Vol. 3, pp. 429-504). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.
- Parker, G. (1984). The measurement of pathogenic parental style and its relevance to psychiatric disorder. *Social Psychiatry*, 19, 75-81. doi: 10.1007/BF00583818
- Parker, G. (1990). The Parental Bonding Instrument: A decade of research. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 25, 281-282. doi: 10.1007/BF00782881
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L.B. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 52, 1-10. doi: 10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x
- Perris, C. (1994a). Linking the experience of dysfunctional parental rearing with manifest psychopathology: a theoretical framework. In C. Perris, W. A. Arrindell & M. Eisemann (Eds.), *Parenting and Psychopathology*, (pp. 3-32). John Wiley and Sons.
- Perris, C. (1994b). Parental rearing and schizophrenic disorders. In C. Perris, W. A. Arrindell & M. Eisemann (Eds.), *Parenting and Psychopathology*, (pp. 309-333). John Wiley and Sons.
- Perris, C., Arrindell, W. A., Perris, H., Eisemann, M., Van der Ende, J., VonKnorring, L. (1986). Perceived depriving parental rearing and depression. *British Journal of Psychiatry*, 148, 170-175. doi: 10.1192/bjp.148.2.170
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom, H. & von Knorring, L. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behavior. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61, 265-274.
- Rende, R. (2000). Emotion and behavior genetics. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (2nd ed., pp.192-202). New York Guilford.
- Richter, J. & Eisemann, M. (2000). Stability of Memories of Parental Rearing Among Psychiatric Inpatients. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 256-261. doi: 10.1002/1099-0879(200010)7:4<256::AID-CPP256>3.0.CO;2-1
- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (1998). Temperament. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (5th ed., pp. 105-176). New York: Wiley).
- Scaramella, L. V., Conger, R. D., & Simons, R. L. (1999). Parental protective influences and gender-specific increases in adolescent internalizing and externalizing problems. *Journal of Research on Adolescence*, 9, 111-141.
- Shipman, K. L. & Zeman, J. (2001). Socialization of children's emotion regulation in mother-child dyads: A developmental psychopathology perspective. *Development and Psychopathology*, 13, 17-36.
- Smith, N., Lam, D., Bifulco, A., & Checkley, S. (2002). Childhood Experience of Care and Abuse Questionnaire (CECA-Q). Validation of a screening instrument for childhood adversity in clinical populations. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 37, 572-579.
- Tabachnick, B., G. & Fidell, L.S. (2007). *Using Multivariate Statistics* (5th Ed.). Boston, MA: Pearson Education
- Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D., F., & Summers, G. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8 (1), 84-136

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO DE EXPERIÊNCIAS DE (IN) VALIDAÇÃO NA INFÂNCIA - QEVE(Dinis, A., & Pinto Gouveia, J., 2007)

171

PSYCHOLOGICA, 2011, 54

De seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões acerca do modo como os seus pais reagem à expressão das suas emoções, durante os primeiros 18 anos da sua vida (infância e adolescência). Para cada questão, à frente do estilo parental geral (**exemplificado a negrito**), são dados exemplos de frases e/ ou comportamentos dos pais que traduzem a sua forma de lidar com as emoções dos filhos.

Para cada afirmação faça uma **avaliação separada do seu Pai** (ou substituto) e **da sua Mãe** (ou substituta). Se ao longo da sua vida, teve mais do que uma figura paterna ou materna (por exemplo, mãe biológica e madrastra) escolha a que considera que mais o (a) influenciou.

Assinale o seu grau de acordo com cada afirmação, utilizando a seguinte escala: 1 (*Nunca verdadeiro*), 2 (*Quase nunca verdadeiro*), 3 (*Às vezes verdadeiro*), 4 (*Frequentemente verdadeiro*) e 5 (*Sempre verdadeiro*).

Exemplo:

		Nunca verdadeiro (1)	Quase nunca verdadeiro (2)	Às vezes verdadeiro (3)	Frequentemente verdadeiro (4)	Sempre verdadeiro (5)
Quando eu estava feliz por ter sido bem-sucedido o meu pai/ mãe reforçava-me. Exemplos: "Boa", "Deves estar muito orgulhoso", "Estou muito feliz por ti" ou dava-me um abraço ou beijinho.	<b>Pai</b>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	<b>Mãe</b>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Explicação:**

No exemplo descrito, o respondente deve cotar "**Quase nunca verdadeiro**" no caso de terem sido raras ou poucas as vezes em que se sentiu reforçado pela figura

paterna, independentemente do modo como esta o fez (ou seja, se só o fez através de gestos de carinho/ afecto ou se somente o expressava verbalmente num tom de voz caloroso). No mesmo sentido, deve cotar “**Frequentemente Verdadeiro**” no caso de ter sentido que era frequentemente reforçado pela figura materna, independentemente do modo como esta o fez.

ESCALA DE RESPOSTA:

1= *Nunca verdadeiro* 2= *Quase nunca verdadeiro*

3= *Às vezes verdadeiro* 4= *Frequentemente verdadeiro*

5= *Sempre verdadeiro*

		1	2	3	4	5
1. O meu pai/ mãe era <b>sarcástico em relação aos meus sentimentos</b> . Exemplos: “Coitadinho, magoei-te com o que te disse?!”, “Acordaste mal disposto?”, “Pensavas o quê, que o mundo tinha sido feito para ti?!”, “Não se pode brincar contigo?!”, “Bem-vindo ao mundo real!”.	Pai					
	Mãe					
2. O meu pai/ mãe <b>aceitava e normalizava</b> as minhas emoções. Exemplos: “Outra pessoa no teu lugar sentiria o mesmo”, “Eu também sentiria o mesmo”, “Também não gosto que me façam isso, fico magoada”, “Sei exactamente o que está a sentir, também já passei por situações semelhantes”, “Quando não sou bem-sucedida também me sinto triste”.	Pai					
	Mãe					
3. O meu pai/ mãe fazia-me sentir que <b>as minhas emoções o (a) perturbavam</b> . Exemplos: “Nunca pensas que eu também tenho sentimentos”, “Já não sabemos o que fazer contigo”, “Já não suporto estares sempre com essa cara de chateado”, “Já ninguém atura o teu mau humor”.	Pai					
	Mãe					
4. O meu pai/ mãe <b>incentivava-me a conversar sobre as minhas emoções, fazendo-me sentir que continuaria a ser aceite e respeitado</b> se o fizesse. Exemplos: “Pareces estar muito preocupado...o que se passa?”, “Queres falar sobre o que se passa?”, “Se precisares eu estou aqui para te ajudar”.	Pai					
	Mãe					
5. O meu pai/ mãe fazia-me sentir <b>culpado (a) por ter certas emoções</b> . Exemplos: “Só pensas em ti!”, “E os meus sentimentos?!”, “Achas que o mundo só roda em torno de ti!”, “Eu sim tenho problemas”, “Tu não passas de uma criança!”, “Isso deve ser mimo a mais!”.	Pai					
	Mãe					
6. O meu pai/ mãe <b>ensinou-me a expressar as minhas emoções de um modo socialmente aceitável</b> . Exemplos: “Sei que estás chateado com o teu amigo, mas não posso permitir que lhe batas”, “Sei que estás muito feliz, mas não te posso deixar saltar em cima do sofá”, “Sei que estás zangado, mas não podes estragar os teus brinquedos”.	Pai					
	Mãe					
7. O meu pai/ mãe fazia-me crer que se <b>passava algo de errado comigo por ter essa emoção</b> . Exemplos: “O que é que se passa contigo?”, “Qual é o teu problema?”, “Não estás bom da cabeça”, “Não és normal”, “Devias tratar-te”.	Pai					
	Mãe					
8. Para o meu pai/ mãe <b>as emoções não tinham qualquer valor</b> . Exemplos: “É errado analisar as situações a partir das emoções: “Não estás a ser racional”, “Ignora o que estás a sentir e procura fazer alguma coisa que te faça sentir melhor”.	Pai					
	Mãe					
9. O meu pai/ mãe <b>punia-me por ter/ expressar determinadas emoções</b> . Exemplos: “Vai chorar para o teu quarto”, “Só saís do quarto quando desatares o burro”, “Pára já de chorar...ou vai haver problemas”, “Ou te acalmas ou levas uma palmada”, “Sai já da minha frente”, “Com essa raiva, só vais conseguir ficar de castigo”.	Pai					
	Mãe					
10. Quando estava triste o meu pai/ mãe <b>criticava-me e humilhava-me</b> verbalmente. Exemplos: “Não te comportes como um bebé”, “Vê se cresces”, “Pára de chorar”, “Vê se te acalmas”.	Pai					
	Mãe					

11. O meu pai/ mãe <b>expressava o que sentia de forma muito intensa</b> quando discutia ou estava chateado(a) “explodia” de raiva, ficava muito em baixo à mínima adversidade, ficava muito impaciente perante qualquer contratempo...	Pai						
	Mãe						
12. O meu pai/ mãe <b>humilhava-me e envergonhava-me em público</b> quando eu expressava as minhas emoções. Exemplos: arregalava os olhos, dava-me beliscões, contava a toda a gente o que eu lhe tinha dito acerca do modo como me sentia, dava-me uma palmada...	Pai						
	Mãe						
13. O meu pai/ mãe <b>fazia-me sentir que os meus sentimentos podiam ser tranquilizados</b> . Exemplos: “Não estás sozinha, eu ajudo-te”, “As pessoas que gostam de ti podem ajudar-te a lidar com o que sentes”, “Se aceites o que sentes, sem te recriminares ou culpares, vais sentir-te mais tranquilo (a)/ calmo (a)”, “Há coisas que podes fazer para te acalmares”.	Pai						
	Mãe						
14. O meu pai/ mãe <b>legitimava as minhas emoções negativas</b> (tristeza, raiva, medo). Exemplos: “É compreensível que te sintas assim”, “Eu percebo que te sintas assim”, “Eu reconheço e percebo que estejas a sofrer perante essa situação”.	Pai						
	Mãe						
15. O meu pai/ mãe <b>negava a seriedade das situações ou a gravidade dos problemas</b> que me provocavam emoções intensas (raiva, tristeza, medo).	Pai						
	Mãe						
16. Quando eu pedia ao meu pai/ mãe para que tivesse em consideração os meus motivos ou se colocasse no meu lugar, ele (a) <b>voltava-se contra mim</b> . Exemplos: “Eu não te julgo tanto quanto pensas”, “Estás a culpar-me?!”, “Estás a provocar um drama familiar”, “Porque é que não te colocas tu no meu lugar?”, “Tu é que não me compreendes”.	Pai						
	Mãe						
17. O meu pai/ mãe <b> julgava as minhas emoções e ordenava que me sentisse de outro modo</b> . Exemplos: “Pára de sentir pena de ti mesmo”, “Pára de te queixares”, “Pára de ser piegas”, “Pára de te elogiares só por teres tirado uma boa nota na escola”.	Pai						
	Mãe						
18. O meu pai/ mãe <b>ensinou-me estratégias para lidar com as minhas emoções</b> . Exemplos: “Hoje uma pessoa passou à minha frente na fila, fiquei tão chateada que lhe queria bater...em vez disso conversei com ela e expliquei-lhe que não concordava com o que tinha feito”, “Quando eu estou muito triste, ajuda-me chorar, ver um filme que gosto ou conversar com um amigo”.	Pai						
	Mãe						
19. Para o meu pai/ mãe <b>não era permitido expressar determinadas emoções</b> . Exemplos: “Não deves mostrar orgulho pelo que conseguiste alcançar”, “Não se amua à frente de outras pessoas”, “Não se chora em público”, “Não te mostres tão contente”.	Pai						
	Mãe						
20. O meu pai/ mãe <b>ensinou-me a aceitar</b> as minhas emoções. Exemplos: “Não ignores o que sentes, as tuas emoções são importantes”, “Sofremos menos quando aceitamos o que estamos a sentir”, “Deves parar de lutar contra o que sentes”.	Pai						
	Mãe						
21. O meu pai/ mãe <b>encorajava-me a expressar as minhas emoções e ensinava-me a dar um nome ao que estava a sentir</b> . Exemplos: “Sei que estás triste porque não podes ir ao aniversário do teu amigo”, “Estás orgulhoso porque tiveste um bom desempenho”, “Estás triste porque o teu esforço não foi recompensado”, “Estás com ciúmes porque não te temos dado tanta atenção quanto gostarias”.	Pai						
	Mãe						

### Development of a new questionnaire for assessing Emotional (In) Validation Experiences in Family

Several studies have confirmed the existence of a relationship between adverse early experiences, parenting styles and attachment in infancy with the development of psychopathology in adulthood. This study explores the psychometric properties of the Emotional (In) Validation Experiences Questionnaire, which was developed by us, in order to assess retrospectively, the emotional validation (and invalidation) environment in family. The Exploratory Factor Analysis revealed a structure of two factors, which was later confirmed by a Confirmatory Factor Analysis. The two factors were designated by *emotional invalidating experiences* and *emotional validating experiences*. All sub-scales have an accurate internal consistency. The convergent and divergent validity of the questionnaire was confirmed by correlations with other retrospective measures (that assessing parenting styles, parental emotional expressiveness and early adverse experiences), and with a measure that assesses psychopathology in adulthood.

KEYWORDS: socialization of emotions, parenting styles, early adverse experiences, parental emotional expressiveness, emotional validation (and invalidation) experiences in family, retrospective measures

### Développement d'un questionnaire sur l'expérience de (in) validation émotionnel dans la famille

Plusieurs études ont confirmé l'existence d'une relation entre les premières expériences négatives, les styles parentaux et de l'attachement pendant la petite enfance avec le développement de la psychopathologie à l'âge adulte. Cette étude explore les propriétés psychométriques du questionnaire d'expériences de (in) validation émotionnelle, qui a été développé par nos soins, afin d'évaluer rétrospectivement, l'environnement de validation (et d'invalidation) dans la famille. L'analyse factorielle exploratoire a révélé une structure de deux facteurs, qui a ensuite été confirmée par une analyse factorielle confirmatoire. Les deux facteurs ont été désignés par expériences émotionnelles de l'invalidation et expériences émotionnelles de validation. Toutes les sous-échelles ont une consistance interne des valeurs très élevées. La validité convergente et divergente du questionnaire a été confirmée par des corrélations avec d'autres mesures rétrospectives (qui évaluent le style parental, l'expressivité de la famille et les expériences de vie indésirables), et avec une mesure qui évalue la psychopathologie à l'âge adulte.

MOTS-CLÉS: socialisation des émotions, les styles parentaux, les premières expériences négatives, l'expression familiale, l'ambiance de validation et de l'invalidation émotionnelle, des mesures rétroactives